

Ressuscitado por: Jartur Mamede

1.º Problema - 1.ª Eliminatória

**O CASO DO COLAR DESAPARECIDO**

Original de: BIA SOTAM

Publicado em: “O Gosto do Mistério”  
«Flama» # 570 – 06.02.1959

Porque será que nos TORNEIOS NACIONAIS não aparecem produções de «sherlocks» se saias?... Na verdade, uma coisa que se tem notado em todas as secções existentes é que, quase sempre, as produções são feitas por homens; porquê?

Será que neste aspecto, como em outros (não em todos), os homens têm mais jeito?

Pensando nisto, e quando já faltava pouco para terminar o prazo de inscrição para o III Torneio Nacional, enchi-me de coragem e pensei: - Porque não envio eu uma produção? – Alguma terá de ser a primeira!...

Bem, a ideia estava forjada, mas quem é que eu havia de pôr a investigar o caso... Sim, porque não fica bem ser eu a investigar... Na verdade estas coisas ficam melhor aos homens, não concordam?

Estava pensando nestas coisas quando o meu telefone tocou!

Mister... Io perguntava-me se eu e o SABOT já tínhamos feito a inscrição para o Nacional... Aproveitei logo e pedi-lhe um conselho, e realmente, fiquei satisfeita pois deu-me uma ideia que ainda não tinha tido, talvez porque SABOT era ainda um «sherlock» pouco conhecido, estava agora a iniciar-se nestas coisas. Mas ficou assente, o investigador seria o meu marido.

\* \* \* \* \*

Acabavam de dar as 11 badaladas no relógio do Seminário, quando a campainha da nossa porta tocou...

Cheguei à janela, que escaldava pelo sol que lhe batia de chapa, e olhei para baixo... Um homem perguntou:

- É aqui que mora o sr. SABOT?

- Sim é aqui, que deseja?

- Entregar-lhe uma carta urgente!

Dentro de momentos, meu marido que ainda envergava o seu roupão, lia com avidez, o seguinte:

*Dr. Sabot*

*Agradecia que viesse imediatamente à residência da senhora Baroneza de X... Pois acaba de se dar um roubo. O colar de pérolas da senhora Baroneza, desapareceu.*

*Quem vos escreve é a criada Miquelina... Ainda vi o gatuno fugir pela janela da casa das jóias.*

*Como calcula estou deveras aflita, pois não sei como hei-de dizer do desaparecimento da jóia quando regressar a senhora Baroneza e a filha, que foram a Bruxelas.*

*Miquelina*

\* \* \* \* \*

SABOT depois de se arranjar convenientemente, fez subir o portador da carta para o seu carro e partiu.

Pelo caminho foi sabendo mais pormenores, e assim teve conhecimento de que a senhora Baroneza era viúva, e partira com a filha, havia uma semana. Dispensara o resto da criadagem, ficando apenas Miquelina e António (o portador da carta), com a incumbência de zelarem pelo palacete.

\* \* \*

Chegaram... Um edificio de dois andares dentro de um enormíssimo jardim bem tratado, e cercado por alto gradeamento... O portão achava-se fechado e era António quem possuía a chave.

Miquelina encontrava-se sentada numa cadeira, na casa das jóias (assim denominada pela senhora Baroneza por ali estarem depositadas todas as jóias).

Miquelina, logo que SABOT entrou, dirigiu-se-lhes nestes termos:

- Oh! Meu senhor! Apanhe o ladrão... Que vai ser de mim quando a senhora Baroneza voltar!

- Vamos lá a saber. Que é que você viu afinal? – Diz que ainda viu o gatuno, pode dar-me os seus sinais?

- Mas, é impossível senhor! Tinha o rosto tapado por uma máscara, e eu confesso, fiquei de tal forma aflita, que nem gritar pude. Só passado algum tempo consegui reunir forças para telefonar ao António, que se encontrava no rés-do-chão, contando-lhe o sucedido.

- Diga-me então quais os seus passos até eu chegar!

- Os meus passos? Não percebo!

- Sim, o que fez, onde foi... Todos os seus passos, percebe?

- Bem, eu vinha fazer limpeza a esta casa, quando, ao abrir a porta vi um vulto fugir... Ele ainda me notou, pois vi que ele me olhava. Como disse, fiquei de tal forma transtornada, que de momento nem pude fazer nada, porém, logo que o consegui, dirigi-me ao telefone que fica logo a seguir à porta desta sala, no corredor, e liguei para o António. Sabe, nós temos uma ligação que nos permite falar para o rés-do-chão. Logo a seguir apareceu o António, dirigi-me então àquele armário, onde há papel e tinta, e escrevi a carta para si. Depois... bem, depois aqui tenho estado sentada nesta cadeira a chorar, e esperando que o senhor chegasse.

- A senhora Baroneza levou muitas jóias para Bruxelas? – perguntou SABOT.

- Não, quando vai para o estrangeiro leva apenas o indispensável, pois receia sempre um roubo... tem-se visto tanta coisa...

SABOT olhou para toda a dependência; dois móveis, um armário, algumas cadeiras e dois «maples» naquela sala pequena de duas janelas.

Querendo ver a altura que ía da janela ao solo, SABOT abriu a janela e olhou para baixo...

Logo a seguir estava descoberta a chave do mistério!

O que SABOT viu, foi o suficiente para descobrir tudo.

Quando a Baroneza chegasse, o colar estaria já no seu devido lugar.

\* \* \* \* \*

PERGUNTA-SE

Que viu Sabot?

Houve algum procedimento que lhe pareceu estranho? Qual?

**NOTA**

Por questões de paginação, apresento agora, a listagem que era minha intenção divulgar na abertura da série.

Jartur

III TORNEIO NACIONAL DE PROBLEMÍSTICA POLICIÁRIA			
<b>RELAÇÃO DOS PROBLEMAS ADURADOS</b>			
N.º	Eliminatória	Título do problema	Autor
1.º	1.ª	<b>O CASO DO COLAR DESAPARECIDO</b>	BIA SOTAM
2.º	1.ª	<b>O MOCHO NÃO PIA MAIS</b>	ELIMA
1.º	2.ª	<b>O FAZENDEIRO DETECTIVE</b>	LEMMY CAUTION
2.º	2.ª	<b>O MISTÉRIO DA ESTRÊLA APAGADA</b>	MR. JARTUR
1.º	Fase Final	<b>O CASO DO ANTIQUÁRIO</b>	VÍTOR HUGO
2.º	Fase Final	<b>UM CRIME QUASE PERFEITO</b>	JOFER
3.º	Fase Final	<b>O HOTEL DO CRIME</b>	JUVE
4.º	Fase Final	<b>QUEM VOU MATAR?</b>	MÁRVEL
5.º	Fase Final	<b>O CRIME DOS CLÁSSICOS</b>	OH! TÁRIO
6.º	Fase Final	<b>O CASO DO ANTIQUÁRIO SEM PERNAS</b>	VAN DIDO

## III TORNEIO NACIONAL DE PROBLEMÍSTICA POLICIÁRIA

Solução do 1.º Problema - 1.ª Eliminatória

**O CASO DO COLAR DESAPARECIDO**

Apresentada pela autora: BIA SOTAM

Publicado em: "O Gosto do Mistério"  
«Flama» # 578 – 03.04.1959

Na verdade, Sabor, ao aproximar-se, notou, em primeiro lugar e como ponto principal, que o pseudo gatuno não podia ter fugido pela janela, por esta se encontrar fechada.

Pareceu-lhe estranho que Miquelina, afirmando não se ter deslocado na sala, a não ser para escrever a carta, conseguisse afirmar, peremptoriamente, que só faltava o colar.

Na posse destes dados principais, e apertando Miquelina com perguntas, obteve desde logo a sua confissão.

Outros pequenos pormenores parecem transparecer do problema. Porém, são eliminados pelas conclusões conseguidas dos dois anteriores.

BIA SOTAM



III TORNEIO NACIONAL DE PROBLEMÍSTICA  
POLICIÁRIA

2.º Problema - 1.ª Eliminatória

**O MOCHO NÃO PIA MAIS...**

Original de: ELIMA

Publicado em: "O Gosto do Mistério"

«Flama» # 572– 20.02.1959

Cá fora as folhas bailavam ao sabor da leve brisa, os passarinhos chilreavam saltando de ramo em ramo e os automóveis passavam ruidosamente, anunciando mais um dia de trabalho que há pouco tivera início. Tudo estava alheio a mais um crime, a mais uma vida roubada.

Naquela casa onde tantas vezes o retinir do telefone fora o começo do desvendar dum crime, ali, alguém olhava ironicamente a sua vítima, traduzindo numa frase tudo o que lhe passava pela alma, cheia de maldade, cobardia e ódio.

- O mocho já não pia mais...

Então, com um sorriso sarcástico a dançar-lhe à flor dos lábios, dirigiu-se a uma pequena mesa, junto à janela, e tirando uma folha dum bloco de correspondência, pegou numa esferográfica e começou a escrever:

*Chefe*

*Já cumpri o que me mandou.*

*Ele já nada poderá fazer nem adiantar sobre o nosso plano.*

*Sempre ao dispor*

Após ter assinado, meteu o papel no envelope e guardou-o na carteira. Cá fora continuava a eterna melodia dos passarinhos, e ao longe ouvia-se uma canção que se dissipava no céu azul...

Pela última vez olhou para o corpo inerte e frio do inspector Franco: foi um olhar longo mas cheio de ódio, feliz mas com maldade. E saiu...

Pouco a pouco foi se apagando no espaço o barulho do motor de um carro que saía debaixo de uma árvore, onde os pardais continuavam a cantar menos alegremente... E nesse carro ia um criminoso.

Com duas lágrimas rebeldes a correrem-lhe pelas faces, o inspector Vítor Santos entrou no quarto do seu ex-colega, que durante tantos anos compartilhara consigo os dissabores da profissão, e tantas vezes trabalhara dia e noite a seu lado.

Agora estava deitado para sempre num «maple», com a navalha enterrada nas costas, à altura do coração.

Nunca mais ressoarão as suas canções alegres; nunca mais se sentará à sua pequena mas elegante secretária; não mais fará experiência naquela mesinha de tampo de lousa encerada, junto à janela, e o cachimbo, agora abandonado no casaco, nunca mais voltará a ser cheio de tabaco.

As recordações felizes e infelizes corriam céleres na memória de Vítor Santos e, passados minutos, um agente trouxe-lhe dois suspeitos, Mário Guedes e Carlos Albuquerque, dois homens cujas prisões já eram sobejamente conhecidas, pois as suas vidas bailavam entre o roubo e o contrabando.

À pergunta: - «Que fizeram nestas últimas horas», o primeiro, com um sorriso sarcástico respondeu:

- Estive até às três horas da manhã a fazer experiências na calcite, tais como fusibilidade, densidade, clivagem, etc. Após dar o trabalho por terminado, fui-me deitar e só me levantei há duas horas... Dirigia-me ao café quando me detiveram...

O segundo, que era um pouco cheio e vestia impecavelmente, disse que: «Chegara no dia anterior duma viagem pela Ilha da Madeira, onde fora ver um irmão e tratar da compra de um hotel». Ia em direcção à praia, quando o detiveram para averiguações.

Após ouvir as declarações e fazer uma rápida investigação, o inspector foi vagarosamente até à janela, e depois duns segundos de meditação, virando-se para o céu exclamou baixinho:

- Obrigado meu Deus, já sei quem matou Franco!

Entretanto os passarinhos voltavam a cantar e a saltitar de ramo para ramo, e o ar a ser interceptado por canções alegres que saíam dos rádios.

A vida continuava...

PERGUNTA-SE:

- Concorda com o inspector?
- Porquê? (Exponha o seu raciocínio)



*Nota:*

*Para preencher este fim-de-página, e dar-lhe algum equilíbrio - em jeito de recordatório - lembrei-me de utilizar o cabeçalho da secção, à altura em que decorria o III TNPP. Como vêem, residia então em Aveiro, na casinha modesta onde nasci, e onde também viria a nascer o meu filho, que também andou no “policário”, com o pseudónimo da “Carjoma”. A minha casa natal já não existe há muito tempo, e a Trav. São Sebastião foi promovida a Av. Infante D. Henrique, desde que no seu cimo, desapareceram velhas casas, terrenos de cultura, renasceu um grande edifício para distribuir uma outra cultura, o Liceu Nacional de Aveiro.*





III TORNEIO NACIONAL DE PROBLEMÍSTICA  
POLICIÁRIA

Solução do 2.º Problema  
1.ª Eliminatória

## **O MOCHO NÃO PIA MAIS...**

Apresentada pelo autor: ELIMA

Publicado em: “O Gosto do Mistério”  
«Flama» # 580– 17.04.1959

Solução do 2.º Problema - 1.ª Eliminatória

## **O MOCHO NÃO PIA MAIS...**

Solução apresentada pelo autor: ELIMA

Sim, deve concordar-se com o inspector, pois para fazer tal afirmação é porque teria bases sólidas.

Qualquer dos dois homens chamados a depor, poderia ter sido o autor do crime, porém as suas declarações não os comprometem. Todavia, o inspector identificou o culpado em virtude da mensagem escrita e assinada por este, estar decalcada no tampo de lousa encerada, da mesa que se encontrava junto à janela, e sobre a qual incidia a luz solar.

De posse da identidade dos suspeitos, fácil lhe foi, portanto, prender o verdadeiro culpado.

ELIMA



### NOTA:

*Se bem consigo recordar, ELIMA era o pseudónimo utilizado, naquele tempo, por um estudante universitário cá do Porto, assíduo e competente “sherlock”, alguns anos mais jovens do que eu, e de seu nome ERNESTO LIMA. Será que esse Amigo nos lê, e pode... e quer, dar sinal de vida?*

## III TORNEIO NACIONAL DE PROBLEMÍSTICA POLICIÁRIA



1º Problema - 2.ª Eliminatória

**O FAZENDEIRO DETECTIVE (Roubo de Gado)**

Original de: LEMMY CAUTION

Publicado em: “O Gosto do Mistério”

«Flama» # 574 – 06.03.1959

Na tarde serena, o Sol estava prestes a esconder-se por detrás das montanhas distantes.

O «cow-boy» interrompeu os versos da bela romança e, desencostando-se da vedação que demarcava a fazenda, alongou a vista protegendo os olhos com uma das mãos.

Na imensa pradaria, semeada aqui e ali de cactos e pequenos arbustos, via-se nitidamente, na direcção do rio, um vulto caminhando com evidente esforço, quase se arrastando.

O vaqueiro sobressaltado correu para a entrada do rancho, gritando:

- Patrão! Patrão! Vem aí Lopez, o mexicano! Mas Bill não vem com ele... algo de grave deve ter acontecido...

Em breve os dois chegaram à beira do indivíduo que, sujo de suor e poeira, caiu quase no mesmo instante, a seus pés,

O fazendeiro reanimou-o com alguns goles de rum e ajudou-o a sentar-se numa pequena saliência do terreno.

- Que aconteceu?... Que é feito do Bill?... E o gado?... Vamos, conta... depressa!...

O interpelado pareceu acordar de um mau sonho, passando as costas das mãos pelos olhos e depois pela cara, limpando o suor. Tomando fôlego, começou.

-Uma tragédia, patrão! Tínhamos saído há dois dias de Sheridan-City e a marcha fazia-se normalmente, embora com as devidas precauções por causa dos «sioux». A certa altura, porém, sofremos uma emboscada. Eram mais de quinze e o ataque foi tão pronto, e dado em local tão descoberto que nada pudemos fazer. Os nossos cavalos tombaram, e nem sei como saímos com vida da contenda. Percebi logo que a intenção deles era apoderarem-se do gado, mas compreendi de igual modo que não nos perdoariam por termos violado os seus territórios de caça. Foi então que o chefe «Olho de Lince» ditou uma ordem, citando Manitú e não sei quantos espíritos. Imediatamente Bill foi subjugado por dois «sioux» que lhe prenderam os braços, expondo-o indefeso, à fúria do comandante. Já este agarrava os cabelos do infeliz, e se preparava para afundar a sua faca aguçada no crânio do meu companheiro, para o escalpelar, quando desabou tremendo tiroteio. Uma caravana de colonos atacava os «sioux», dando-nos a fuga. Aproveitando o espanto e a desorientação que grassou no grupo, saltámos para cima de um cavalo e refugiámo-nos num desfiladeiro que surgiu mais além.

Era tempo, pois quase a seguir apareceu novo bando de peles-vermelhas que vieram em auxílio de seus irmãos de raça, e que em breve decidiram o pleito a seu favor.

Errámos pelos contrafortes da montanha, esgotados, sedentos e esfomeados, abandonando à sua sorte o cavalo cujas condições não eram menos desagradáveis. Ao cair da noite atravessámos um terreno lamacento, que nos trouxe desde logo a esperança de encontrar qualquer lugar onde matar a sede. Fomos felizes, pois até uma lebre conseguimos capturar. E como ali existia uma gruta, fizemos lá uma fogueira para confeccionar uma refeição, preparando-nos pouco depois para passar a noite.

O mexicano respirou fundo e prosseguiu, não sem antes haver bebido novo gole de rum:

- Temendo qualquer ataque dos peles-vermelhas ou mesmo das feras que infestam a região, decidimos descansar, dormindo um, enquanto o outro fazia um período de sentinela à entrada da gruta. A Bill coube fazer o segundo turno de vigilância. Acomodei-me o melhor possível no chão duro do antro, e em breve adormeci, não podendo resistir ao cansaço.

- E depois?... – interrompeu o fazendeiro já enervado por tão extensa narrativa.

- Nascia a manhã, quando de repente ouvi dois tiros. De Bill, nem rastos. Aflito, procurei-o por toda a parte, e por fim, já desanimado fui encontrá-lo longe dali, morto, com duas balas no peito. Como um louco atravessei o rio e corri para aqui, receando a todo o instante ver-me alcançado pelos índios ou por qualquer alma penada.

O fazendeiro fez uma careta de desespero, mas, recobrando a calma, ordenou ao «cow-boy»:

- Traz cavalos e homens! Vamos buscar o corpo de Bill e saber quem o atacou!

\* \* \*

Quinhentos metros além da fazenda, existia um rio que os cavalos atravessaram sem dificuldade, seguindo o percurso indicado por Lopez. Em breve depararam com o corpo de Bill. Por cima já esvoaçavam gigantescos abutres, atraídos pelo cheiro do cadáver.

O corpo do vaqueiro estava caído de bruços, no cimo de uma pequena subida, tendo a mão direita agarrada a um «colt» de seis tiros. A vítima devia ser uma pessoa de porte distinto, pois embora num meio rude como aquele, desde o lenço multicolor que usava à volta do pescoço até às botas de salto alto, impecáveis, demonstrava o cuidado que lhe merecia o seu trajar. O «colt» não tinha balas, e perto do cadáver podia ver-se um chapéu de abas largas, coçado e amarrotado, bem como pequenos pingos de sangue, que iam deste até ao corpo. Em seu redor nada mais que constituísse indício do que se tivesse passado, pois o terreno era árido e cheio de pequenas pedras que deslizavam sob as patas dos cavalos.

A um sinal do fazendeiro, dois «cow-boys» pegaram no corpo do infeliz capataz e depuseram-no na garupa do cavalo de um deles, prosseguindo o pequeno grupo nas suas investigações.

Era já noite, uma noite calma e sem aragem, quando chegaram à gruta, onde, segundo o relato de Lopez, os dois vaqueiros haviam pernoitado.

O fazendeiro pegou numa lanterna e entrou no covil. Era uma gruta banal, e ao primeiro relance nada viu. Baixando-se para procurar melhor qualquer rasto, pousou a lanterna no chão, mas quase simultaneamente os companheiros viram-no cambalear, enquanto a luz se apagava como se a tivessem mergulhado em água!

Os vaqueiros, mal refeitos do estranho acontecimento, trouxeram-no para fora e reanimaram-no.

- Então, senhor Carson? Sente-se indisposto?... Que lhe aconteceu? – perguntaram os dedicados «cow-boys».

- Oh! Obrigado! Não foi nada... deixem-me, estou cá a pensar numa coisa...

Olhando à sua volta, fitou dum modo especial a entrada da gruta...

O caso estava resolvido, não tinha dúvidas...

PERGUNTA-SE:

Que conclusões tira do relatório do mexicano?

Ele falou verdade?

NOTA:

*“Lemmy Caution”, é o pseudónimo do saudoso Sherlock António Martinho Leitão da Costa autor de bons problemas, e que dirigiu a primeira secção policial do jornal «O Comércio de Gaia», “Ginásio do Sherlock”, para a qual me pediu a criação do respectivo cabeçalho, que seria o segundo da secção.*



## III TORNEIO NACIONAL DE PROBLEMÍSTICA POLICIÁRIA



Solução do 1.º Problema - 2.ª Eliminatória

### **O FAZENDEIRO DETECTIVE (Roubo de Gado)**

Apresentada pelo autor: LEMMY CAUTION

Publicada em: “O Gosto do Mistério”  
«Flama» # 582 – 01.05.1959

Poucos são, realmente, os pontos na narrativa do mexicano que merecem o devido crédito, o que vem demonstrar, inequivocamente, a sua culpabilidade na morte de Bill e no desaparecimento do gado.

Os factos básicos e fundamentais que o incriminam, são:

1.º - Tendo atravessado um rio, quinhentos metros antes de chegar junto do fazendeiro, tornava-se impossível não ir molhado.

2.º - Por atravessar o terreno lamacento, jamais poderia trazer as botas impecáveis.

3.º - Na gruta, dado que não havia vento e a lanterna se apagou ao ser colocada no chão, só se pode concluir que o seu ambiente, *junto do solo, estava impregnado de anidrido carbónico*, o que tornava impossível ele lá ter dormido ou acendido qualquer fogueira, como afirmou.

4.º - Quase a sofrer o suplício do escarpelamento, portanto em cabelo, Bill, ao conseguir fugir, não teria levado o chapéu que junto do seu corpo apareceu.

5.º - O «colt», mesmo sem balas, ter-lhe-ia sido tirado pelos «sioux», como a mais elementar medida de segurança.

Nestes cinco pontos se dá a notícia como o fazendeiro detective desmascarou o vigarista e assassino mexicano.

LEMMY CAUTION

#### **NOTA:**

*Como julgo ter esclarecido no início destas “postagens” referentes aos Torneios Nacionais de Problemística Policiária, promovidos pelo Clube de Literatura Policiária, os problemas, soluções, classificações e demais documentação inerente ao certame, eram publicados em todas as secções policiais que se inscreveram nas provas e aderiram à iniciativa.*

*O facto de a data de publicação do material deste III TNPP, vir referenciada pela sua publicação na secção policial da “Flama”, que eu dirigia, só acontece porque esses elementos me estão mais acessíveis, e coleccionados de forma mais metódica.*